

A GRADAÇÃO E O GRAU DE COMPROMETIMENTO DO AUTOR EM REPORTAGEM DA REVISTA *SUPERINTERESSANTE*

Lauro Rafael LIMA¹⁰

Sara Regina Scotta CABRAL¹¹

Resumo: Este artigo utiliza a Gradação, categoria que integra o Sistema de Avaliatividade sob a perspectiva sistêmico-funcional da linguagem, para analisar três reportagens de capa da revista *Superinteressante*. Com isso, objetiva-se entender como as subcategorias da Gradação contribuem para destacar elementos como a pertinência do assunto, o grau de comprometimento do autor, as prioridades da reportagem de capa, além de descobrir possíveis padrões de escrita neste gênero discursivo. Sendo assim, o artigo usa referências principalmente de Halliday e Mathiessen (2004) e Martin e White (2005).

Palavras-chave: Linguística Sistêmico-Funcional. Sistema de Avaliatividade. Gradação. Gêneros Discursivos. Reportagem.

Abstract: *This article uses Gradation, a category that integrates the Evaluation System under the systemic-functional perspective of language, in order to analyze three cover reports from the Superinteressante magazine. Thus, the objective is to understand how the subcategories of Gradation contribute to highlight elements as the relevance of the subject, the degree of the author's commitment, the priorities of the cover report, besides finding out possible writing patterns in this discourse genre. This way, the article uses references especially from Halliday & Mathiessen (2004) and Martin & White (2005).*

Keywords: *Systemic-Functional Linguistics. Evaluation System. Gradation. Discourse Genre. Report.*

¹⁰ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em Santa Maria-RS, Brasil. lauroportugues@gmail.com

¹¹ Professora Doutora do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Santa Maria, em Santa Maria-RS, Brasil. sarascotta@yahoo.com.br

Introdução

Este trabalho refere-se a uma das categorias que compõe o Sistema de Avaliatividade sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional, a Gradação. Ao analisar três reportagens de capa da revista *Superinteressante*, percebe-se que o uso da Gradação contribui para medir o nível de comprometimento do autor com o conteúdo das reportagens. Sendo assim, descreveremos primeiramente quais são as categorias e como elas contribuem para esse maior/menor nível de comprometimento para, posteriormente, mostrar os resultados analisados nas reportagens.

Diante disso, o principal objetivo deste trabalho é utilizar as categorias da teoria da avaliatividade para analisar os elementos de Gradação nas reportagens de capa da revista *Superinteressante*, isto é, como as marcas avaliativas do autor da reportagem contribuem para destacar a pertinência do assunto da pesquisa mencionada.

Além disso, têm-se também como objetivos outros aspectos: mapear processos de construção com o uso de gradação (foco e força); comparar os dados a fim de estabelecer uma prioridade para a reportagem da revista *Superinteressante* (quais são os subtipos de gradação mais utilizados); sugerir a relação entre o nível de comprometimento do autor das reportagens com os subtipos de gradação mais utilizados; identificar padrões de escrita na reportagem da revista *Superinteressante*, com os possíveis objetivos que permeiam tais construções.

Assim sendo, este artigo apresenta, inicialmente, uma revisão da literatura utilizada para a classificação das marcas de avaliação por parte do autor, isto é, os subsistemas do sistema de avaliatividade – atitude, engajamento e gradação – destacando este, por ser a principal referência do trabalho. Logo após, descreve-se a metodologia utilizada, com os passos necessários para atingir os objetivos já citados, e apresentam-se os resultados obtidos, seguidos de comentários pertinentes à literatura indicada, explicitando o porquê de cada classificação estabelecida. Por fim, são feitas as considerações finais acerca da importância do trabalho realizado e das possíveis interpretações que podem ser feitas a partir deste estudo.

Revisão da literatura

Dedicamo-nos a apresentar as categorias utilizadas para o estudo realizado, contemplando o Sistema de Avaliatividade, localizando-o nos estudos da Linguística Sistêmico-Funcional. Centrar-nos-emos primeiramente no conceito de Avaliatividade, como parte da metafunção interpessoal, para posteriormente fazermos referência aos três subsistemas da Avaliatividade: Atitude, Engajamento e Gradação. A partir disso, destacamos o subsistema pertinente ao nosso trabalho, a Gradação, com seus principais exemplos e subtipos.

O Sistema de Avaliatividade

O Sistema de Avaliatividade é definido como parte dos estudos da metafunção interpessoal da linguagem na perspectiva sistêmico-funcional. Halliday e Mathiessen (2004) referem-se a esse sistema na primeira citação sobre o que seria a metafunção interpessoal:

A oração da gramática não é somente uma figura, representando algum processo [...] com seus vários participantes e circunstâncias; é também uma proposição, ou uma proposta, pela qual nós informamos ou perguntamos, damos uma ordem ou fazemos uma oferta e expressamos nossa avaliação de uma atitude para quem ou sobre o que estivermos falando.[...] Nós a chamamos de metafunção interpessoal, para sugerir que é ao mesmo tempo interativa e pessoal. (HALLIDAY e MATHIESSEN, 2004, p.29-30)¹²

Sendo assim, destacamos que o Sistema de Avaliatividade depende da noção da oração como troca, da interação entre o sujeito falante/escritor com o sujeito ouvinte/leitor. A localização desse sistema dentro da metafunção interpessoal aparece em outras bibliografias, como em Mathiessen, Teruya e Lam (2010), que definem o Sistema de Avaliatividade como “um sistema semântico interpessoal que se preocupa com os recursos para avaliar os sentidos através dos decretos de apreciação, julgamento, afeto ou gradação.”

¹² Tradução minha.

No entanto, o principal texto que guiará este trabalho é a obra de Martin e White (2005). Nela, a Avaliatividade é situada na metafunção interpessoal já na introdução:

Esse livro se preocupa com o interpessoal na linguagem, com a presença subjetiva de escritores/falantes em textos na medida em que adotam posições para o material que apresentam e para aqueles com quem se comunicam. Preocupa-se com como escritores/falantes aprovam e desaprovam, entusiasmam e abominam, aplaudem e criticam, e como eles posicionam os seus leitores a fazerem o mesmo. [...] Preocupa-se com como escritores/falantes constroem para si mesmos identidades particulares autorais, com seu alinhamento ou desalinhamento em relação a respondentes verdadeiros ou potenciais e com o modo como eles constroem uma audiência pretendida ou ideal para seus textos. (MARTIN e WHITE, 2005, p.1)¹³

A partir disso, os autores definem a Avaliatividade no nível da semântica discursiva da perspectiva sistêmico-funcional, com três domínios interativos: Atitude, Engajamento e Gradação. A **Atitude** refere-se aos sentimentos, incluindo reações emocionais, julgamentos de comportamento e apreciação de coisas. O **Engajamento** lida com o papel das vozes por meio das opiniões no discurso. E, finalmente, a **Gradação** atende a graduar fenômenos pelos quais os sentimentos são ampliados e as categorias podem ser intensificadas. A figura 1 ilustra uma visão geral sobre os subsistemas da Avaliatividade:

The Language of Evaluation

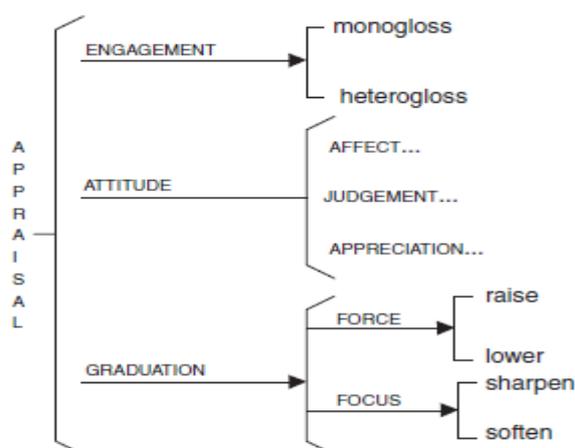


Figura 1 (Fonte: Martin e White, 2005, p.38).

Diante disso, especificaremos apenas o domínio semântico pertinente ao nosso trabalho e que será o objeto de análise do corpus: a Gradação.

A Gradação

Na introdução do seu livro dedicado ao estudo da avaliação na linguagem, Martin e White (2005) apresentam um breve resumo, apresentando o que será tratado pelo nome de **Gradação**. Segundo os autores, esse subsistema pode ter a ver com o ajuste do grau de uma avaliação, com a sua intensidade ou quantidade, o que é chamado de “força”. Essa classificação pode representar uma intensificação ou quantificação com um aumento de força (*raise*), ou uma intensificação ou quantificação com diminuição da força (*lower*). O outro tipo de Gradação apresentado é o “foco”, que representa categorias que não podem ser intensificadas pela força e, por isso, são classificadas como acentuação (*sharpen*), que representa o mais próximo possível do original/ideal ou atenuação (*soften*), que representa algo distante do ideal. Assim sendo, a Gradação apoia-se em dois eixos: um de acordo com a intensidade ou quantidade (força) e outro de acordo com a prototypicalidade e a precisão (foco).

Gradação: Foco

A Gradação, segundo Martin e White (2005), aplica-se mais tipicamente a categorias que não podem ser medidas em escalas. Os autores utilizam o “jazz” como exemplo, que pode ser classificado de acordo com o protótipo de jazz (*They don't play real jazz*) ou com exemplos marginais desse estilo (*They play jazz, sort of*). Com o foco, portanto, é permitido indicar uma escala alta (com o protótipo) e uma escala baixa (com exemplos marginais), como se observa na figura 2.

¹³ Tradução minha.

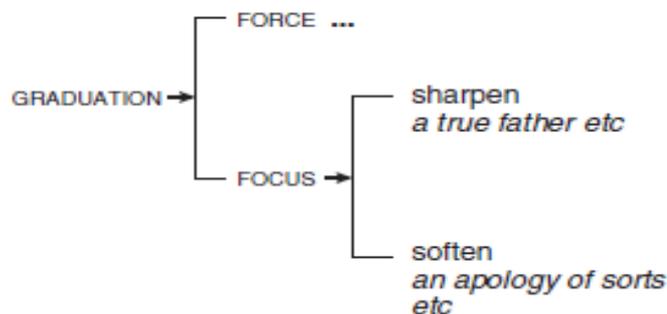


Figure 3.5 A preliminary outline of graduation

Figura 2 (Fonte: Martin e White, 2005, p.138).

Destaca-se ainda que, de acordo com os autores, as instâncias de modelação prototípica representam uma avaliação positiva por parte do falante/escritor, enquanto a modelação marginalizada tende a uma avaliação negativa. Isso também pode ter um valor retórico, com a possibilidade de um investimento maior do falante/escritor como voz autoral (*acentuação*) ou um investimento menor (*atenuação*).

Gradação: Força

A força cobre avaliações em grau de intensidade e quantidade. Avaliações em grau de intensidade podem operar sobre “qualidades, processos ou verbos modais” (MARTIN e WHITE, 2005). Avaliações de quantidade aplicam-se a entidades preferencialmente, em vez de qualidades e processos. Isso se refere a uma quantidade imprecisa de número ou de presença ou massa.

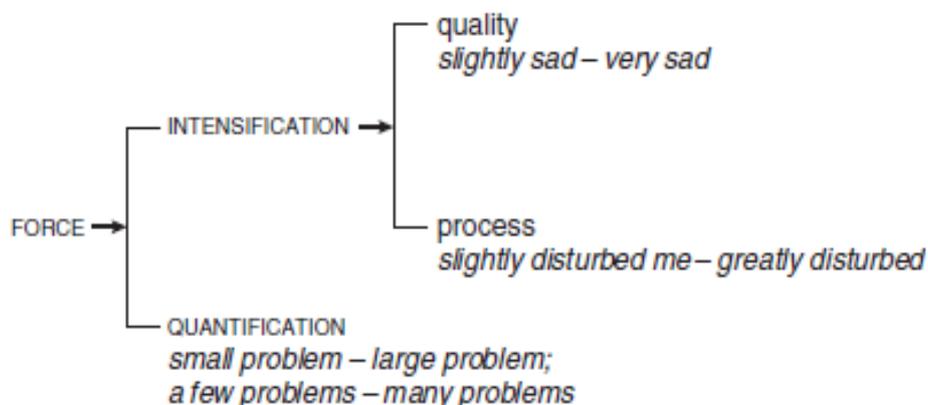


Figura 3 (Fonte: Martin e White, 2005, p.141).

Assim sendo, faz-se necessário especificar esses dois subtipos de Gradação por força: intensificação e quantificação. Com a intensificação, pode-se fazer um isolamento ou uma fusão. O isolamento ocorre quando há uma escala de gradação alta ou baixa em um termo isolado. A fusão acontece quando existe um significado que serve a outra função semântica e é relativo em uma sequência semântica, não havendo forma lexical que transmita o sentido de alta ou baixa escala. Além disso, devem ser destacados os conceitos de maximização (locuções que constroem a escala como a de maior intensidade possível), lexicalização (modificadores de isolamento que são mais lexicais do que gramaticais) e repetição (a repetição de um termo representa uma intensificação desse mesmo termo).

Por outro lado, com a quantificação, existe uma classificação a respeito da quantidade e da extensão de um termo (no tempo e no espaço). Assim, “a semântica desse subsistema é complicada pelo fato de que a entidade quantificadora pode ser concreta (*a large shark*) ou abstrata (*a large problem*). Frequentemente, as entidades abstratas carregam sentidos atitudinais.” (MARTIN e WHITE, 2005, p.149)

A quantificação é graduada de acordo com quantidades imprecisas numéricas (poucos, muitos), de massa ou presença (pequeno, grande; fino, grosso; leve, pesado), e de extensão no tempo e no espaço (perto, longe; recente, antigo). Diante disso, pode ser ilustrada na figura 4.

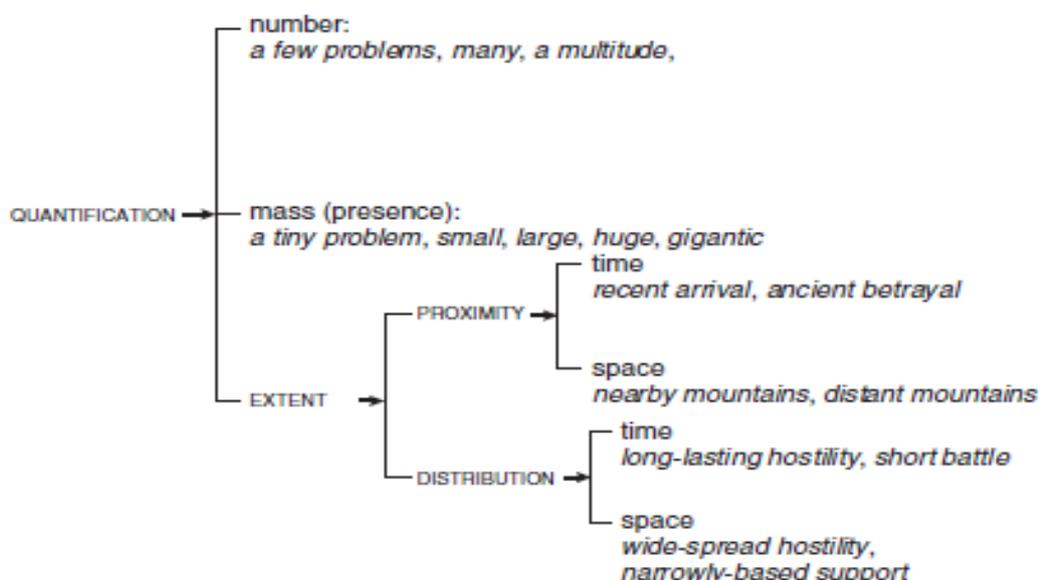


Figura 4 (Fonte: Martin e White, 2005, p.151).

À semelhança da intensificação, a quantificação também pode ocorrer por isolamento (com um termo isolado atuando como modificar da entidade graduada) ou por fusão (com locuções que carregam uma noção de quantidade no próprio nome).

Após essa análise, destacamos que o ponto de nosso interesse dentro do estudo do subsistema de gradação é o fato de que se pode construir uma relação de maior ou menor comprometimento do falante/escritor acerca do texto a partir da análise dessas categorias. Afinal, assim como ocorre com o foco, a força também apresenta graus de maior ou menor envolvimento de acordo com uma maior ou menor força. É, portanto, nessa afirmação que centraremos nossa pesquisa: as escalas mais altas das construções de gradação do tipo força e as escalas mais prototípicas de gradação do tipo foco constroem um sujeito falante/escritor como mais comprometido com aquilo que escreve, e vice-versa.

Metodologia

O corpus da pesquisa é composto de 3 (três) reportagens de capa selecionadas do site da revista *Superinteressante*, intituladas *Donos do Mundo* (agosto de 2009), *A Nova História do Brasil* (junho de 2010) e *Nasce Sabendo* (agosto de 2010).

Para proceder à análise de acordo com os objetivos já citados, seguiram-se os seguintes passos. Primeiramente, fez-se uma identificação dos elementos que sinalizam uma avaliação de gradação (foco e força) por parte do autor da reportagem. Após, foram separadas tais avaliações de acordo com cada uma das subcategorias. Com isso, foi possível relacionar as subcategorias com o nível de comprometimento dos autores de cada reportagem. A partir disso, podem-se analisar os dados, concluindo os resultados e a interpretação a partir destes.

Resultados

A pesquisa gerou demonstrou um elevado número de marcas linguísticas de gradação nas três reportagens analisadas. Foram encontradas 121 ocorrências de gradação na reportagem *Donos do Mundo* (agosto/2009), 83 ocorrências na reportagem *A Nova História do Brasil* (junho/2010) e 76 na reportagem *Nasce Sabendo*

(agosto/2010). A partir disso, observou-se que a maioria das ocorrências aponta para construções com um maior grau de comprometimento do autor, ou seja, gradações de intensificação ou quantificação alta, conforme destacam Martin e White (2005). Além disso, não foram encontradas ocorrências de exemplos de gradação do tipo foco em nenhuma das reportagens analisadas. Diante disso, apresentaremos alguns trechos analisados de cada reportagem, contextualizando-a, para exemplificar como as gradações contribuem para um maior comprometimento do autor da reportagem com o seu conteúdo.

A reportagem *Donos do Mundo*, publicada no mês de agosto de 2009, tem como tema a associação de bactérias e vírus como donos do planeta, por serem extremamente numerosos e responsáveis por infecções muito graves ao longo da nossa história. Sendo assim, analisamos primeiramente o trecho que a introduz:

Somos passageiros em um planeta controlado por bactérias e vírus. Nossa vida depende da nossa capacidade de enfrentá-los. O problema é que estão mais fortes do que nunca. E por nossa causa. (*Donos do Mundo*, (08/2009))

Primeiramente, observamos a escolha pelo item “controlado”, colocando as bactérias e os vírus como “controladores” do mundo. Em um processo de intensificação alta por fusão, já que não existe um termo isolado que denote essa gradação, identificamos que existe uma gradação positiva, destacando que as bactérias e os vírus não somente estão presentes no mundo, mas têm poder para controlá-lo. O mesmo ocorre com o processo “depende”, em relação a “nossa vida”. Segundo o autor, não estamos somente relacionados à capacidade de enfrentar os vírus e as bactérias, mas somos dependentes dessa capacidade para sobreviver. Ainda, os termos “mais” e “nunca” intensificam a força desses micróbios, a qual terá sua causa atribuída aos seres humanos no decorrer da reportagem. Todas essas escolhas lexicais mostram um comprometimento alto do autor com o que está sendo dito, exatamente como foi citado por Martin e White (2005).

Na sequência da reportagem, destaca-se outro trecho que fala sobre uma pandemia ocorrida há muito tempo, e o autor utiliza vários elementos de gradação ao explicá-la:

*Esse sono **mais** do que mórbido matou 5 milhões de pessoas. Depois sumiu sem deixar vestígio **nenhum**. Até hoje **ninguém** sabe que vírus ou bactéria causou aquilo. Foi uma das pandemias **mais** violentas da história da humanidade. E fora ter ganho um nome (encefalite letárgica - ou "inflamação no cérebro que deixa você pregado", em português claro) a doença continuou envolta em mistério. **Apavorante**. (Donos do Mundo, 08/2009)*

Observamos que o autor usa o termo “mais” em duas ocasiões: para destacar quão mórbido é o sonho e o quão violenta foi a pandemia, o que já denota um alto grau de envolvimento acerca do que está sendo dito. Além disso, os itens “nenhum” e “ninguém” mostram um grau de certeza que também apresentam um elevado comprometimento do autor. Por último, o item de avaliação de atitude “apavorante” está intensificado não isoladamente como os anteriores, mas por fusão, já que apresenta um grau mais alto do que seria o termo “assustador”, por exemplo.

Outro trecho que também destaca uma pandemia, porém agora a explicando com informações sobre o vírus que a causa (como o tempo de ação do vírus em comparação com o tempo de ação do vírus da AIDS), é o trecho que se observa abaixo:

*(...) depois surgiu um vírus **bem pior**: o H1N1. Em 25 semanas esse vírus matou **mais** gente do que 25 anos de AIDS. (Donos do Mundo, 08/2009)*

Ao classificar o H1N1, a classificação é altamente graduada: além de já ser pior (o que pode ser entendido como “mais ruim”), o autor ainda a destaca como “bem” pior, aumentando ainda mais o grau de intensificação. Diante disso, também foi quantificada – por meio de um termo isolado – a relação de pessoas que foram mortas (**mais** gente).

É interessante a construção que o autor faz ao representar os micróbios, com gradações positivas, e os seres humanos com gradações negativas, no trecho abaixo:

*Os micróbios são **mais** do que uma ameaça. E nós, **menos** do que vítimas. Somos **apenas** passageiros num mundo **criado** por eles. E totalmente **dominado** por eles. A começar pelo seu corpo. (Donos do Mundo, 08/2009)*

A representação dos micróbios como “mais” do que uma ameaça e dos seres humanos como “menos” do que vítimas contribui para a temática da reportagem: a de que os vírus e bactérias são os donos do mundo. Além disso, o termo “apenas” que

reduz os seres humanos reforça essa ideia. Ainda, temos o reforço do termo “controlado” no início da reportagem, com gradações ainda mais altas, nos termos “criado” e “dominado”.

A gradação também é utilizada no momento da reportagem em que o autor direciona para a diferença entre vírus e bactérias, com exemplos que denotam o envolvimento do autor, como nos dois trechos abaixo:

***Muita** gente trata vírus e bactérias como sinônimos. Em **muitos** casos, os dois até causam as mesmas doenças, como pneumonia e meningite. Mas não. Um é **tão** diferente do outro quanto um ser humano de um programa de computador. (Donos do Mundo, 08/2009)*

*Para começar, os vírus são **bem menores**. Se eles tivessem o tamanho de uma pessoa, as bactérias seriam da altura do Cristo Redentor. E **mais** importante: são incapazes de fazer **qualquer** coisa sozinhos. (Donos do Mundo, 08/2009)*

No primeiro trecho, o autor utiliza gradações de força por quantificação para generalizar as pessoas que tratam ambos como sinônimos e também os casos de doenças causadas por eles. Além de uma intensificação para destacar o quanto são diferentes. No segundo, um grau alto de intensificação no termo “bem menores”, à semelhança do que destacamos já como “bem pior”, já que “menores” pode ser lido como “mais pequenos”. Ainda, observamos um item de quantificação que generaliza o termo coisa e um forte comprometimento do autor ao destacar o que ele considera como “mais” importante.

Por último, citamos mais um caso de construção em que ocorre um alto grau de gradação, à semelhança de outros dois casos já citados. Como se observa abaixo, “bem melhor” destaca que o sistema de saúde não é somente mais competente atualmente, e sim extremamente mais competente:

*Apesar de o sistema de saúde hoje ser **bem melhor** que o do começo do século 20, os criadouros de vírus também são. (Donos do Mundo, 08/2009)*

A reportagem *A Nova História do Brasil*, publicada em junho de 2010, apresenta como tema um modo diferente de contar alguns acontecimentos que estão registrados nos livros sobre história do Brasil. O objetivo da reportagem é alertar que o contexto de construção e interpretação dessa história era outro e existem historiadores que relatam

episódios da história do Brasil que nunca foram contados nos livros. Na introdução da reportagem, já observamos vários termos que apresentam uma gradação que aumenta o comprometimento do autor:

Uma nova geração de pesquisadores destrói mitos e revela o verdadeiro passado do Brasil: um país mais forte, mais complexo e bem mais humano do que ensinaram na escola. (*A Nova História do Brasil*, 06/2010)

Primeiramente, observamos o uso do verbo “destrói” com uma escala de intensificação mais alta do que simplesmente “acaba com” ou “desmitifica”. Além disso, nota-se a comparação feita entre o Brasil mostrado por essa nova geração e pelos historiadores antigos, destacando aquele com uma força e uma complexidade maior, além de um humanismo bem maior. Todos esses trechos denotam envolvimento do autor com o conteúdo da reportagem.

Na sequência, ao destacar o contexto de produção dessas duas “histórias” (a dos historiadores antigos e a da nova geração), o autor compara mostrando a diferença de tensão política entre os dois tempos, o que também aponta para uma posição sua em relação ao texto. Destacamos aqui que não é o fato de ser ou não ser tenso que nos interessa, mas sim a gradação que é dada pelo termo “mais” nessa mesma construção.

Grande parte da história que os brasileiros conhecem hoje, aquela que ainda está na maioria dos livros didáticos, foi criada (ou virou consenso) entre 1960 e 1980. Era um tempo mais tenso do que hoje. (*A Nova História do Brasil*, 06/2010)

Ainda em relação à tensão dos contextos de criação das duas histórias, o autor conclui seu argumento com o trecho abaixo:

A nova geração de historiadores formou-se em ambiente menos tenso e polarizado, com maior liberdade de debate e um ambiente intelectual mais produtivo. (*A Nova História do Brasil*, 06/2010)

É importante destacar como o autor usa termos de intensificação negativa para a questão da tensão, que seria algo negativo para o contexto de produção; ao mesmo tempo, usa termos de intensificação positiva para a questão da liberdade do debate e do ambiente intelectual de produção, que seriam itens positivos para esse novo contexto.

Dois processos interessantes de construção com avaliação por gradação também aparecem no trecho abaixo. Consideramos o contexto da afirmação que é o da escravidão: a nova geração de historiadores afirma que existiram africanos ex-escravos que foram bem-sucedidos em vida, alguns inclusive se tornando senhores de escravos e ficando ricos com tal atividade.

*Também veio à tona uma influência **bem maior** da África na escravidão brasileira. Capturando e vendendo escravos para os europeus, alguns reinos africanos ficaram **riquíssimos**.* (A Nova História do Brasil, 06/2010)

Não nos deteremos ao primeiro porque construções semelhantes já apareceram na reportagem interior. Destacaremos a construção feita no final do trecho com o sufixo “-íssimos” que também pode funcionar como elemento isolado de intensificação, já que equivale a “muito rico”. É pertinente dizer que essa construção marca uma avaliação do autor em relação à influência africana na história do Brasil e ao sucesso profissional dos africanos. Observamos que, em Martin e White (2005), tal elemento não é descrito, já que não existe construção semelhante a esta na língua inglesa.

Ainda sobre a tese de que muitos africanos foram bem sucedidos, destacamos mais um trecho desta reportagem, no qual ao afirmar que “nada” suaviza o prejuízo causado pelo sistema escravagista, o autor refere-se ao que foi citado como saldo positivo desse sistema. O termo “nada” não só generaliza como marca uma alta gradação por parte do autor.

***Nada** disso suaviza o fato de que 4 milhões de africanos foram trazidos à força, ficando entregues aos castigos dos seus senhores.* (A Nova História do Brasil, 06/2010)

A última reportagem analisada leva o título de *Nasce Sabendo* e foi publicada em agosto de 2010. O tema da reportagem refere-se a descobertas científicas que apontam para a afirmação de que os bebês nascem dotados de certa inteligência e apresenta várias pesquisas que ratificam essa afirmação.

Na introdução, temos o autor da reportagem falando sobre uma experiência própria, a do filho que com 5 meses parecia reconhecer quando o tom de voz do pai se tornava mais embargado:

*Pode ter sido só coincidência, mas nos últimos anos a ciência me deu **vários** motivos para achar que ele entendeu o que eu estava sentindo. (Nasce Sabendo, 08/2010)*

O uso do termo “vários” é uma gradação do tipo força–quantificação que destaca a quantidade de motivos que a ciência já deu para isso, e é justamente sobre isso que a reportagem trata, os motivos e as pesquisas que possibilitam à ciência confirmar a impressão que o autor da reportagem teve.

Após apresentar algumas análises que podem ser feitas para monitorar os bebês, o autor apresenta esta:

*A análise empregada com **mais** frequência e sucesso, no entanto, é ainda **mais** singela: a do olhar. Com as câmeras atuais, é possível rastrear com precisão para onde os nenês estão olhando durante um experimento. (Nasce Sabendo, 08/2010)*

Nota-se que o autor destaca, com uma gradação por força–intensificação, a frequência e o sucesso da análise que será apresentada, além da sua simplicidade, o que é observado como um envolvimento significativo do autor na reportagem.

Uma pesquisa que afirma que os bebês já possuem conhecimentos de física ao nascerem é uma das mais curiosas da reportagem, e isso é demonstrado linguisticamente pelo posicionamento e pelas escolhas do autor:

*Pois os bebês prestaram **muito mais** atenção em situações que desafiavam as leis da física, como uma caixinha que permanecia flutuando em vez de cair. (Nasce Sabendo, 08/2010)*

Ao afirmar que os bebês prestaram “muito mais” atenção, tem-se uma intensificação extremamente alta, que chama a atenção para o fato de que a experiência é surpreendentemente significativa.

É interessante como o autor demonstra o quão curiosa é a reportagem nas marcas do trecho abaixo, ao diferenciar os meninos das meninas:

***Mais** curioso ainda: entre um ano e meio e 2 anos de vida, enquanto as meninas são capazes de decifrar as **mais** diferentes expressões no rosto de sua mãe, em especial quando a genitora está brava ou não quer que a filha mexa em alguma coisa, parte do cérebro dos garotos parece programada para desligar nessa hora, ignorando os sinais maternos. (Nasce Sabendo, 08/2010)*

Após fazer algumas diferenças, ele sinaliza a *mais* curiosa com um item que realiza uma gradação por intensificação isolada, além de afirmar que são várias as expressões que a menina reconhece no rosto da mãe, o que reforça o maior grau de comprometimento do autor com o conteúdo da reportagem.

Por último, destacamos um trecho que além de ressaltar o quão impressionantes são os resultados alcançados, sugere que existem alguns ainda mais impressionantes.

*Resultados **mais** impressionantes ainda vieram de uma série de experimentos conduzidos por Bloom e seus colegas. (Nasce Sabendo, 08/2010)*

Considerações finais

Martin e White (2005) afirmam que as categorias da Gradação podem contribuir para um maior ou menor grau de comprometimento do autor com o texto, o que foi corroborado pela análise das três reportagens de capa da revista *Superinteressante* aqui apresentadas. Em todas, observamos um alto grau de envolvimento do autor com o texto, comprometendo-se com as informações dadas, intensificando ou quantificando-as. Sendo assim, consideramos que o uso do Sistema de Avaliatividade e, nesse caso, da gradação é pertinente para construir as relações entre escritor e leitor no texto.

Ainda, é válido destacar que os recursos linguísticos utilizados pelos autores nas reportagens contribuem para a imagem que a revista *Superinteressante* tenta transmitir para o seu público leitor. O próprio nome da revista já faz considerações sobre o seu conteúdo: o prefixo “super” ressalta o superlativo de que as reportagens são muito interessantes, isto é, mais do que simplesmente interessantes. Assim sendo, existe um claro objetivo de apelação para a venda da revista, presente tanto no nome quanto nas construções feitas pelos autores nas reportagens de capa. Afinal, estas são a principal reportagem da revista, o “carro-chefe”, o motivo que fará com que mundos comprem e, possivelmente, tornem-se assinantes da revista.

Por fim, entendemos que, assim como a Linguística Sistêmico-Funcional coloca a linguagem em um sistema de acordo com as funções da língua em uso, todo trabalho relacionado a essa área deve estar voltado para o uso. Consideramos que a pertinência deste artigo se justifica em função de uma possibilidade de aprofundamento da

identificação dos objetivos da *Superinteressante*, como uma empresa que visa ao lucro com as vendas da revista, por meio da análise linguística dos recursos empregados nos seus textos que ratificam esse fim.

Referências

HALLIDAY, M. A. K.; MATHIESSEN C. M. I. M. **An introduction to function grammar**. 3. ed. London: Hodder Education, 2004.

LOPES, J. Nasce sabendo (agosto/2010). **Revista Superinteressante**, São Paulo. Disponível em <http://super.abril.com.br/superarquivo/>. Acesso em 09 de dezembro de 2011.

MARTIN, J.R.; WHITE, P.R.R. **The Language of Evaluation: Appraisal in English**. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MATHIESSEN, C. M. I. M; TERUYA, K; LAM, M. **Key Terms in Systemic Functional Linguistics**. New York: Continuum, 2010.

NARLOCH, L. A nova história do Brasil (junho/2010). **Revista Superinteressante**, São Paulo. Disponível em <http://super.abril.com.br/superarquivo/>. Acesso em 09 de dezembro de 2011.

VERSIGNASSI, A.; AXT, B. Donos do mundo (agosto/2009). **Revista Superinteressante**, São Paulo. Disponível em <http://super.abril.com.br/superarquivo/>. Acesso em 09 de dezembro de 2011.